

PERFORMATIVIDADE NA INFÂNCIA ENTRE DESAFIOS SOCIAIS: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA ALÉM DO CONTAR

CARLOS EDUARDO SOARES CORDEIRO
DAISY VITÓRIA DE OLIVEIRA E SILVA
FLÁVIA JANIASKI

■ 490

Carlos Eduardo é arte educador, ator, musicista, fotógrafo e poeta. Graduando do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Bolsista de Iniciação Científica, com pesquisa na pedagogia da escuta de Malaguzzi e contação de história.

Afiliação: Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1151662712026466>

Daisy Vitória Oliveira e Silva é artista sul mato-grossense, graduanda do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados(UFGD). Participa como bolsista do PIBID de Teatro e é pesquisadora (PIVIC) sobre a pedagogia da escuta de Malaguzzi, o Drama, e contação de história.

Afiliação: Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9268201884737043>

Flávia Janiaski é doutora em Artes Cênicas pela UFBA, com bolsa de doutorado sanduiche pela CAPES na University of Massachusetts/Boston no programa de Early Childhood Education e professora adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas. Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisadora na área da Pedagogia das Artes Cênicas, com ênfase em orientação de estágio, drama, contação de história, encenação e produção cultural.

Afiliação: Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2394281053017478>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0325-739X>

■ RESUMO

Este artigo versa sobre a importância da Contação de História na primeira infância, tendo a criança como protagonista e performer do ato de contar. O principal objetivo da pesquisa realizada foi investigar como a criança pode se valer da Contação de História para narrar qualquer tipo de abuso infantil e como as/os professores, a partir dessas histórias, podem identificar essas violências por meio da Pedagogia da Escuta de Lóris Malaguzzi.

■ PALAVRAS-CHAVE

Contação de História; Violência Infantil; Escola; Pedagogia da Escuta.

■ ABSTRACT

This article discuss the importance of Storytelling in early childhood, having a child as the protagonist and performer of the act of telling. The main objective of the research carried out was to investigate how a child can use Storytelling to narrate any type of child abuse and how teachers, based on these stories, can identify such violence through the Pedagogy of Listening by Lóris Malaguzzi.

491 ■

■ KEYWORDS

Storytelling; Child violence; School; pedagogy of listening.

INTRODUÇÃO

Os acessos à informação, interação e ao conhecimento, são disponibilizados às crianças desde a primeira infância, mas será que os pequenos possuem o apoio e a autonomia necessários para traçarem esses caminhos? Estão os adultos (pais, cuidadores ou professores) atentos e ouvindo o que as crianças têm a dizer? A falta de autonomia tira o papel social das interações entre crianças e os adultos responsáveis são unilaterais e não dialogam de fato. A Contação de História pode ser um recurso para que os arte educadores fortaleçam a sua escuta para além da autoria conferida às crianças narradoras, por meio de jogos, brincadeiras e ludicidade. Por outro lado, através da liberdade artística é possível identificar violências nas narrativas apresentadas em sala de aula, sem que se perca o prazer estético no ato de contar histórias.

A Contação de História pode ser uma forma de arte, ferramenta pedagógica, recurso metodológico, dispositivo estético-político, recreação, estímulo à leitura, entretenimento, forma de resistência e de manutenção da tradição oral etc., mas o mais importante é se ter em mente que ela acontece com o outro, a partir de uma relação e/ou comunhão com o outro e que as crianças se desenvolvem nas interações com seus pares, com os adultos que as cercam e com os espaços físicos que as rodeiam. Sendo assim, a Contação de Histórias, se valendo de jogos e brincadeiras com as crianças, além de ser uma experiência estética e artística é uma forma de construção de significados. Nesse espaço de arte, ludicidade e cumplicidade, as crianças conferem realidade às suas criações imaginárias e os professores, ao interpretá-las, podem identificar possíveis situações de abuso infantil. Ou seja: como a criança fantasia para entender e dar significado ao real, a Contação de História pode ser uma ferramenta de escuta e de acolhimento dos pequenos para que se sintam seguros e, dessa maneira, um recurso estratégico ao combate à violência sexual, tanto com ações primárias de prevenção, quanto como forma de identificar abusos cometidos.

Aliada à essa prática, temos a pedagogia da escuta proposta por Malaguzzi (2016) como uma maneira ética de se relacionar com os pequenos, pois, quando o adulto de fato se coloca em posição de escuta, parando e ouvindo com atenção o que a criança tem a dizer, ele se torna capaz de perceber suas potencialidades e riquezas como ser social. Escutar as crianças é atitude de respeito e uma forma eficaz de comunicação que forja uma relação, afinal, quando os pequenos podem falar, automaticamente ouvimos a sua voz. A consequência direta disso é a constituição de uma prática pedagógica significativa, com percepção da sensibilidade, das necessidades e dos desejos das crianças.

PARA ALÉM DO CONTAR...

A sociedade, em geral, vê a criança como um “ser em construção”, que ainda não está formado socialmente. Ariès (1986), em “História social da criança e da família”, traça uma linha histórica da percepção que a sociedade tem da criança, ressaltando as constantes transformações dos sentidos de ‘infância’ e ‘família’ ao longo do tempo. Segundo o autor, a criança já foi considerada um miniadulto; foi

desumanizada; comparada a anjos; percebida como adulto em formação etc. Felizmente, na contemporaneidade, essas ideias foram redefinidas e modificadas.

Hoje, as relações entre criança e sociedade são outras, havendo uma valorização e um cuidado ‘divino’ da infância; entretanto, ainda assim, nem sempre esses indivíduos são ouvidos de fato. Como argumenta Malaguzzi (2016), os adultos não escutam as várias linguagens da criança e, por vezes, quando o fazem, não estão preparados para potencializá-las. Segundo o autor, é preciso que o adulto se abra ao inesperado e preste atenção às diversas formas das crianças se comunicam com seus pares e com os adultos, por exemplo, os gestos, desenhos, olhares e as palavras não ditas. Através de uma escuta atenta, somos capazes de captar “as cem linguagens” das crianças; ao “desconfiar do evidente”, olhando com atenção e cuidado, podemos encontrar significados outros naquilo que a criança está avidamente nos contando.

Segundo Sarmento (2018), as crianças “estão cada vez mais institucionalizadas” por passarem a maior parte de sua infância na escola, local onde adquirem conhecimentos históricos, sociais e culturais e que se torna um marco na infância. Nela, muitas dessas crianças recebem sua principal refeição do dia! Para o autor, existem “várias infâncias dentro da infância global e a desigualdade é o outro lado da condição social da infância contemporânea” (SARMENTO, 2018 p. 6), ou seja, as vidas das crianças são muito distintas e, frequentemente, elas não têm a vida ideal para uma criança.

Na instituição escolar são forjadas as amizades, as primeiras relações sociais e os conhecimentos científicos. Importante esclarecer que ao dizermos “escola” estamos falando de uma estrutura física, social e cultural, formada por professores, merendeiras, diretoria, coordenação, pelos alunos e suas famílias, bem como, pela comunidade em seu entorno. A escola é parte importante e vital não só para o desenvolvimento infantil, mas para a sociedade. Grande parte de uma comunidade está ligada à escola, direta ou indiretamente, através de seus filhos, por motivo de trabalho ou por estar em seu entorno. Nesse sentido, indaga-se se não seria responsabilidade dessa comunidade pensar e reger a escola e se ela não deveria lutar pela qualidade, segurança e pelo protagonismo da criança nessa instituição.

Afirmando a compreensão de que a escola tem função pedagógica, social e cultural na formação das crianças, entendemos que é de fundamental importância a presença da educação sexual em toda a Educação Básica. Para tanto, destacamos quatro pontos: primeiro, a existência de uma interpretação distorcida de parte da sociedade em relação ao termo “educação sexual”, visto como sinônimo de ‘iniciação sexual’; segundo, a necessidade de professores e comunidade escolar receberem formação e capacitação continuadas para trabalharem com o tema; terceiro, a compreensão de que a repressão e o silenciamento aumentam os problemas decorrentes da falta de informação sobre o assunto como, por exemplo, a questão do abuso sexual; e o quarto aspecto diz da necessidade de se ter cuidado com a predominância de narrativas e histórias normativas, que há séculos transmitem pré-conceitos e preconceitos às crianças.

Em relação ao abuso sexual na infância e na adolescência, foco deste artigo, destacamos seu elevado índice no século XXI. No Brasil, por exemplo, os números são alarmantes: segundo o Ministério da Saúde, três crianças e/ou

adolescentes são abusadas a cada hora e, na maioria dos casos, o agressor é um parente ou amigo da família. Ou seja, a violência sexual contra crianças em geral é intrafamiliar, dificultando a denúncia, pois, frequentemente, a criança tem uma relação de confiança com o agressor.

Ainda de acordo com dados do Ministério da Saúde, em 2018, foram registrados 32.082 casos de violência sexual, sendo 13.409 com crianças de 0 a 9 anos de idade e 18.673 entre 10 e 19 anos. Desse total, dois terços dos casos de abuso registrados oficialmente ocorreram dentro da casa dos menores (cerca de 70%): em 25% desses casos, os abusadores eram amigos ou conhecidos da vítima e em 23%, o pai ou o padrasto. Lembrando que a violência sexual no Brasil ainda é um fenômeno subnotificado e que muitas denúncias não chegam ao sistema por se tratar de assunto considerado tabu pela sociedade, além de desmoralizante e/ou humilhante para a vítima. Outro dado importante é o fato de o abusador geralmente ser do sexo masculino e se valer da confiança, que a criança e a família depositam nele, para violar o/a menor fazendo uso de jogos de sedução, ameaças ou cultivando na própria vítima sentimentos como culpa ou medo.

Os dados apresentados corroboram a nossa defesa da importância de se discutir o tema abertamente no ambiente escolar, algo que poderia ser realizado por meio da educação sexual, sobretudo se levarmos em conta que cotidianamente os professores estabelecem relações de confiança com os estudantes, especialmente na educação infantil onde essas relações passam pelo afeto. Aprender a conhecer, respeitar e valorizar o seu corpo e o corpo do colega é uma maneira de prevenção.

Alguns estereótipos em relação à violência sexual precisam ser quebrados. Um deles é o que diz ser o abusador alguém desconhecido e violento; como os números indicam, na maioria dos casos o abuso é intrafamiliar, ou seja, acontece dentro de casa e o agressor ou faz parte da família ou é um amigo próximo, não um estranho. Em suma: o abusador ganha a confiança da vítima e usa de manipulação para realizar e/ou perpetuar o abuso. Em alguns casos, as crianças não entendem o que está acontecendo ou que estão vivenciando uma relação de abuso ou violência sexual.

No governo atual, especialmente na figura do presidente Jair Bolsonaro, defende-se que não se deve ensinar e/ou discutir educação sexual nas escolas, afirmando-se que educação sexual é responsabilidade exclusiva dos pais e/ou da família. Essa visão vai de encontro ao discurso de especialistas da área, além dos próprios dados e estatísticas fornecidos pelo Ministério da Saúde, que claramente demonstram a relação entre o agravamento do quadro de abuso sexual na infância e a ausência da educação sexual na escola.

A discussão sobre educação sexual nas escolas – assim como a questão sobre se a escola deve ensinar ou educar - não pode ser permeada por conflitos ideológicos, disputas políticas, desinformações, *fake news* ou “achismos”, porque na prática não é possível estabelecer processos de ensino e aprendizagem sem discutir questões relacionadas à cidadania, confiança, bem-estar, criatividade, autonomia etc., geralmente associadas ao “educar” no consciente coletivo. Contieiro (2018, p. 12) argumenta que:

Educar significa desenvolver o indivíduo emocional, intelectual e moralmente. O caráter totalizante da educação compromete todas as potencialidades do indivíduo permitindo o alcance da plenitude da dimensão social com o desenvolvimento da autoexpressão, da personalidade e do imaginário. Aplicado à educação, o teatro possui o papel de mobilização das capacidades criadoras do indivíduo e aprimoramento da sua relação com o mundo.

No Art. 18 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA consta que “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (BRASIL, 1990, p. 12). Nesse trecho do ECA fica claro que a formação de um indivíduo é responsabilidade de todos ao seu redor: pais, professores, vizinhos etc. Baseado nessa premissa, quais seriam as ações que a escola pode de fato efetivar para alcançar o cumprimento do ECA? Enquanto arte educador, como identificar violências, abusos e experiências ruins vivenciadas pelas crianças? Como garantir a voz e a autonomia das crianças para contarem suas histórias?

495 ■

PERFORMATIVIDADE NA INFÂNCIA

Adultos e crianças se expressam através da arte, pensando e repensando sua realidade e seus sentimentos por meio do fazer artístico. O desenho é uma das primeiras formas de expressão infantil e os psicólogos e pedagogos a utilizam por saberem que através do desenho de uma criança é possível fazer uma leitura de sua personalidade, seus medos, gostos e sonhos. Através de desenhos e dramatizações pode-se identificar se a criança está passando por algum tipo de dor (física ou mental), trauma ou abuso.

A Contação de História também possui esse potencial, não sendo algo distante ou estranho para uma criança. Em geral, os pequenos estão habituados a ouvir histórias, seja por meio de seus familiares ou na escola, e desde cedo se identificam com elas, escolhem personagens favoritos etc., no entanto, frequentemente a criança é apenas um ouvinte ou espectador. Se invertemos as posições, possibilitando que as crianças sejam os protagonistas, elas passam a narrar as histórias sob suas perspectivas e pontos de vistas, revelando, assim, suas identidades, visões de mundo e experiências.

Luciana Hartmann (2014, p. 235) argumenta que:

Neste sentido, penso que as aulas de teatro, ao estimularem a criança a assumir a responsabilidade pela produção e pela performance de narrativas, podem contribuir tanto no desenvolvimento de suas potencialidades expressivas quanto na sua inserção como sujeito autônomo no mundo.

A criança enquanto performer consegue se expressar através de uma narrativa autoral, usando as próprias referências, ou seja, aquilo que ela conhece

dos contos de fadas, lendas, desenhos animados, relações familiares e com os colegas da escola, mostrando sua habilidade de percepção e colocando sua visão de mundo dentro de suas histórias. Ainda segundo Hartmann (2014), através de uma história foi possível identificar parte da realidade de determinada aluna, que compartilhou com sua turma o *bullying* que sofria.

Em nossa pesquisa, partimos da ideia de que, quando o professor trabalha a partir de narrativas protagonizadas pelos alunos, é possível criar um espaço de segurança e confiança, onde elas podem desenvolver autonomia com liberdade para falar, escutar e se posicionar. Para o autor, quando as crianças são autoras das histórias, sejam inventadas ou inspiradas em outras, contribui-se “substancialmente no desenvolvimento de sua autoestima e no reconhecimento de suas capacidades expressivas” (HARTMANN, 2014, p. 244).

A “pedagogia da escuta”, de Lóris Malaguzzi (2011), aliada à Contação de História permite ao educador desenvolver uma escuta atenta, que o leva ao entendimento do universo de seus alunos, descobrindo o que pensam, fazem, planejam e desejam. Isso lhe propicia construir uma relação de ensino e aprendizagem partindo das experiências estéticas e simbólicas proporcionadas pelo fazer artístico.

■ 496

De acordo com Dewey (2010, p. 38), a educação “tem por fim imediato melhorar pela inteligência a qualidade da experiência”. Através da educação, adquirimos conhecimento e nos tornamos conscientes do ambiente e das relações que nos rodeiam, esses aprendizados são cumulativos, portanto, a cada experiência similar ficamos mais confiantes e confortáveis. Assim também acontece com a educação sexual, quanto maior o conhecimento do indivíduo sobre seu corpo e seus limites, mais propriedade e segurança ele terá para lidar com ele.

Dessa forma, as histórias da literatura especializada ou do imaginário das crianças podem auxiliar a produção de novos sentidos para as experiências vivenciadas. Para Paulo Freire (2001), o ato de narrar ajuda a criança a sair do silêncio e se comunicar, além de o ato de narrar e de nomear o mundo abrir oportunidades para que adultos e crianças criem espaços de múltipla escuta com outros significados. Nesse sentido, compartilhar narrativas com temáticas específicas para trabalhar a questão do abuso sexual com os alunos é uma maneira de criar ‘frestas’, para que as crianças possam identificar e denunciar possíveis abusos, lançando outros olhares sobre a questão.

Optar por desenvolver ações pedagógicas artísticas, que contemplem a prevenção da violência sexual, facilita observar e investigar qualquer tipo de ação que viole os direitos das crianças e, para tanto, existe muita literatura especializada sobre o tema, por exemplo, as LIAP’s – Literatura Infantil de Abordagem Preventiva. Esses livros ajudam as crianças a desenvolverem autonomia e a compreenderem seus corpos, a fim de se tornarem mais conscientes e aptas a relatarem abusos. Outro objetivo é capacitá-las para a autoproteção, ainda que mínima, visto que muitas ainda não desenvolveram plenamente a motricidade e/ou comunicação, dificultando o cuidado consigo. Essa vulnerabilidade, muitas vezes, as torna vítimas passivas de seus agressores. As LIAP’s são ferramentas construídas especificamente para crianças e foram pensadas a partir da compreensão que elas possuem do tema abordado. Assim, o professor pode se utilizar da ludicidade para

dialogar com seus alunos, iniciando de forma natural e eficaz a estratégia de prevenção nas escolas. O ato de narrar do professor é o *start* para futuramente os alunos protagonizarem suas narrativas na sala de aula.

De acordo com Moraes (2015), as crianças se identificam livremente com as personagens das histórias que escutam e referenciam as “bruxas” e as “fadas” de suas vidas através de personagens análogas. Ou seja, ao ouvir histórias que tratam de questões tão delicadas como o abuso infantil, a criança será capaz de identificá-las com situações que possam acontecer em seu cotidiano, nomeando-as.

O Laboratório de Análise e Prevenção da Violência - LAPREV, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, desenvolveu um projeto de intervenção para a educação sexual infantil. Utilizando livros e a Contação de Histórias, foram criadas três etapas para o acompanhamento dos resultados, definidas como os 3 R's - Reconhecer, Resistir e Relatar.

Os programas preventivos de abuso sexual direcionados à criança devem promover o ensino de habilidades de autoproteção, ou seja: a) ajudá-la a *reconhecer* potenciais situações abusivas ou ofensores em potencial; b) ensiná-la a *resistir* (“dizer não”) e a se retirar da presença do ofensor; e c) incentivá-la a *relatar* incidentes abusivos (anteriores ou atuais) a uma figura de autoridade e de confiança, enfatizando os três “R’s”. (SOMA; WILLIAMS, 2019, p. 190).

497 ■

Essas etapas são muito importantes, pois não há como relatar sem reconhecer o que está acontecendo: “cabe lembrar que o silêncio associado a um episódio de abuso sexual é uma variável responsável pela perpetuação do abuso sexual, pois, para que o ciclo da violência seja rompido, é preciso primeiro romper o silêncio” (SOMA; WILLIAMS, 2019, p. 199). Os 3 R's são habilidades de autoproteção, que ajudam as crianças a identificar potenciais situações abusivas e agressores a fim de que consigam resistir ou fugir, bem como, a relatar (contar) o ocorrido para alguém. O ato de ‘resistir’ está diretamente ligado ao de ‘reconhecer’, mesmo que isso não seja garantia de proteção.

As crianças, muitas vezes, não conseguem distinguir as ações de violência sexual, porque não têm a compreensão do que está acontecendo; por isso, devemos criar ações que gerem as habilidades necessárias para que elas sejam capazes de reconhecer possíveis violências. Nesse sentido, a educação sexual é imprescindível como atitude primária contra o abuso sexual, porque possibilita que conheçam seus direitos como seres sociais por meio de uma abordagem apropriada à cognição das crianças. Entendemos a prevenção como a principal forma de lidar com a violência sexual contra crianças e adolescentes.

A escola, enquanto local que ‘abriga’ a infância, tem grandes responsabilidades. Afinal, é na escola que as crianças aprendem de cuidados pessoais a conhecimentos gerais; nela, muitas têm sua principal alimentação do dia; e é na escola que passam a maior parte de seu dia, interagindo com outras crianças e adultos. Ou seja, a escola é parte importante da vida de uma criança.

A infância é uma fase de muita criatividade e imaginação; a brincadeira opera mudanças físicas, cognitivas, motoras, psicológicas e emocionais na criança. O protagonismo no ato de brincar qualifica a experiência infantil.

Segundo Vygotsky (2009), o ato de conversar com seus pares e com os adultos sobre conceitos e problemas é importante para o desenvolvimento da criança, pois, através dessas trocas, os pequenos conseguem entender, por exemplo, as questões relativas à autoproteção e ao abuso. Ainda de acordo com o autor, a criança não separa a imaginação da realidade. A interação com as pessoas que a cercam, principalmente quando permeada por jogos e brincadeiras, colabora para que continue se desenvolvendo. Ao brincar, jogar, contar histórias, a criança faz uso de metáforas que a ajudam a perceber e a entender a realidade, reelaborando continuamente as suas experiências: “a brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas” (VYGOTSKY, 2009, p. 17).

Sarmiento (2007) destaca a importância do real e da fantasia no desenvolvimento da criança. A criança transita entre os “dois mundos”, que fazem parte de um único espaço-tempo, de forma orgânica, natural e lúdica e é através do “faz de conta” que ela entende a realidade, construindo significados a partir das interpretações de suas criações imaginárias. Em resumo: a criança fantasia para entender e dar significado ao real.

Ao colocar as crianças como protagonistas de suas brincadeiras e histórias, participando da criação e execução dessas atividades, o professor conhece melhor seus alunos, entendendo o que sentem e desejam. Observando como a criança conta uma história, a partir do que ela tem para nos contar, nos aproximamos mais dela.

Buscando auxiliar as habilidades do indivíduo para entender a realidade e reconhecer situações que não deveriam acontecer, é necessário que o professor promova discussões em sala de aula, porém, ainda há uma dificuldade enraizada socialmente no Brasil, que impede o debate de pautas relacionadas às questões de sexualidade, mesmo sendo um problema de saúde pública.

Por esse tipo de agressão envolver a sexualidade, é particularmente difícil para a nossa sociedade dialogar sobre ela. Falar sobre sexualidade dita “típica”, relacionada à descoberta do corpo e das relações com o outro na vivência infantil e adolescente, geralmente é um assunto incômodo. Não é de se espantar que falar sobre a violência sexual seja ainda mais difícil. (MEYER, 2017, p. 32).

Tal dificuldade está associada à construção da ideia de que as crianças são “puras e angelicais”, portanto, assexuadas. No entanto, se o indivíduo é constituído por sua totalidade, reprimir sua sexualidade impacta negativamente o seu desenvolvimento, prejudicando sua identidade, segundo Meyer:

A sexualidade das crianças é um tema polêmico, apesar do neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) ter impactado a sociedade vienense com suas concepções sobre desenvolvimento psicosssexual de uma infância longe da noção tradicional de pureza angelical e inocente, há cem anos. Ele traz à tona uma criança sexuada, dotada de afetos, desejo e conflitos, mapeando o desenvolvimento nesse campo em diferentes fases. A sexualidade em si é um conceito abrangente, além do ato sexual e da reprodução,

pois o indivíduo é um ser sexuado desde o nascimento até a morte. O conceito de sexualidade só pode ser concebido a partir de todas as suas dimensões: histórica, cultural, étnica, religiosa, política, ética, social, moral e educativa, porque todos esses elementos estão presentes na sexualidade humana. Para a Organização Mundial da Saúde (2003), a saúde plena depende também de um desenvolvimento saudável da sexualidade. (MEYER, 2017, p. 74).

Ou seja, reprimir a sexualidade das crianças é também coibir seus corpos e suas personalidades, logo, se a escola tem o papel de formar o indivíduo em sua totalidade, ela não pode ignorar e censurar uma área fundamental de seu crescimento, que o prepara para a vida em sociedade.

Por isso, é importante saber 'reconhecer', capacidade que a criança desenvolve através do conhecimento. A desinformação está presente também entre adultos que perpetuam mitos e estereótipos, como a ideia de que o abusador é necessariamente alguém desconhecido e violento, contrariando as estatísticas oficiais que mostram ser o abuso majoritariamente uma ocorrência intrafamiliar, praticada por algum parente ou por um amigo próximo; assim como, a crença de que a violência sexual acontece de forma esporádica ou pontual:

Importante superar o mito de que a violência sexual se dá em um episódio pontual. É mais provável que, dos casos que chegam aos serviços de denúncia ou saúde, vários episódios já tenham acontecido. A reincidência da violência sexual é comum. Existem casos que se limitam a um episódio; entretanto, o mais comum é que a prática se repita ao longo de meses e até anos. (BRINO; WILLIAMS *apud* MEYER, 2017, p. 36).

Colocar as crianças em contato com o conceito dos 3 R's é valorizar e escutar os pequenos, silenciados pelo medo ou pela ignorância. Como aponta a citação acima, os episódios de abuso sexual dificilmente são pontuais, a probabilidade maior é que se repitam seguidamente. Como vimos, o abusador não é necessariamente agressivo, ele desenvolve e mantém uma relação de carinho com a vítima, pactuando a manutenção de segredos. Os dados oficiais nos mostram que as crianças não conseguem reconhecer e relatar a algum adulto de sua confiança o que está acontecendo com elas. Esses dados explicitam a urgência da educação sexual em instituições de ensino. Afinal, o conhecimento é uma poderosa arma e precisamos dele para vencer e acabar com o abuso sexual infantil.

UM CONTO DE FADAS SEM FAZ DE CONTA

Com a pandemia da COVID-19, ficou inviável realizar uma prática presencial com as crianças. Diante disso, desenvolvemos uma estrutura de *process drama*¹

¹ De acordo com Cabral (2006), o "drama" é um método de ensino no qual os aspectos estruturais e as estratégias escolhidas garantem ao professor o exercício de ouvir o aluno e de criar oportunidades para que ele investigue as possíveis situações dramáticas que podem surgir a partir do 'capital cultural' de cada participante. Ele é organizado em episódios, a partir de um pré-texto.

para ser aplicada futuramente. Para tanto, escolhemos a história da Chapeuzinho Vermelho e como pré-texto a LIAP “Chapeuzinho cor de rosa e a astúcia do lobo mau”, de Cláudia Bonete (2010). A ideia, apresentada neste artigo, é realizar um trabalho de educação sexual com crianças de 5 e 6 anos de forma lúdica e através da Contação de História e do teatro.

O principal objetivo desse *process drama* é trabalhar o conceito dos 3 R’s e, junto com a história (original e LIAP), proporcionar às crianças a oportunidade de assumirem papéis e de entenderem a história da personagem, mas também, de serem a personagem na prática. A partir disso, podemos ressignificar o espaço escolar “como um elemento capaz de educar as crianças. Por esta razão, o espaço não pode ser fixo e rígido, ele precisa estar em constante transformação; ser flexível e sensível às necessidades das crianças” (JANIASKI, 2020, p. 163).

Abaixo segue a estrutura do drama:

Process Drama: “Chapeuzinho de todas as cores”.

Tema: Os 3 R’s (Reconhecer, Resistir e Relatar).

Pré-texto: “Chapeuzinho cor de rosa e a astúcia do lobo mau”, de Cláudia Bonete (2010).

■ 500 **Contexto ficcional:** A personagem Chapeuzinho Vermelho apresenta um comportamento atípico; para a sua mãe, a criança está triste e confusa há algum tempo. Detetives (alunos) são contratados para desvendarem o mistério. Em uma das visitas à casa de sua avó, a personagem faz amizade com o Lobo Mau (adulto). O Lobo pede para a criança guardar segredo sobre esta amizade e faz carinhos inapropriados, deixando a menina triste e confusa sobre o ocorrido. Os detetives devem ajudar Chapeuzinho Vermelho e sua mãe a entenderem o que está acontecendo a fim de chegarem à solução do problema, decidindo se o Lobo deve ou não ser punido e se crianças devem ou não guardar segredos dos seus responsáveis.

Número de participantes: 20 crianças

Idade: 5 a 6 anos

Quantidade de episódios: 7

Episódio 1 – “Que história é essa?”

Duração: 2 horas-aula.

Descrição: Apresentar às crianças o contexto ficcional e o pré-texto.

Recursos do drama: Ambientação cênica.

Recursos materiais: tecido, cesta de piquenique, capuz, foto.

Ação:

Ambientação cênica – Cabana feita de tecido. Dentro da cabana, estarão os pertences da personagem Chapeuzinho Vermelho: cesta de piquenique com frutas, capuz vermelho, foto de uma menina e de uma senhora.

Momento de partilha – Após as crianças explorarem o espaço e objetos da cabana, será realizada uma roda de conversa, em que cada criança poderá contar o que sabe da história da Chapeuzinho-Vermelho, por exemplo, se conhecem a história ou não; se têm alguma parte favorita etc. Em seguida, será pedido que imaginem ter um capuz igual ao de Chapeuzinho e que escolham uma cor para ele.

Episódio 2 – “Quem é a Chapeuzinho?”

Duração: 2 horas-aula.

Descrição: Apresentar às crianças a realidade e a rotina da Chapeuzinho, pensando em uma possível identificação dos alunos com a personagem.

Recursos do drama: Vivência de papéis e Estímulo Composto.

Recursos materiais: mochila, caderno, papel ou celular.

Ação:

Vivência de papéis – Os alunos receberão uma carta (ou um vídeo) da mãe de Chapeuzinho Vermelho, dizendo que a filha está muito triste há mais de uma semana e agindo de forma estranha. A mãe pede a ajuda das crianças para descobrir o que aconteceu, porque Chapeuzinho não contou o motivo de sua tristeza. O professor mediador lança o desafio de as crianças se tornarem detetives para desvendarem esse mistério, ajudando Chapeuzinho e sua mãe. A primeira missão será descobrir, na escola, onde está a mochila da Chapeuzinho Vermelho para ver se há alguma pista dentro dela.

Caça ao Tesouro – Será organizado uma ‘caça ao tesouro’ pela escola, para que as crianças encontrem a mochila da personagem.

Caixa de estímulos – Mochila de Chapeuzinho contendo ficha de identificação (nome, série, idade, nome da escola), estojo escolar, cadernos, carta da vovó (pedindo para a neta visitá-la) e o número do telefone de uma fada. Encontrada a mochila, os alunos serão instigados com perguntas sobre o porquê de a menina ter faltado à aula.

501 ■

Episódio 3 – “Investigação da capa vermelha?”

Duração: 2 horas-aula.

Descrição: Levantar o debate com as crianças sobre ‘guardar segredos’.

Recursos do drama: Caixa de estímulos.

Recursos materiais: mochila, caderno, papel ou celular, foto.

Ação:

Caixa de estímulos – As crianças serão convidadas a explorar os artefatos encontrados dentro da mochila no último encontro, procurando pistas do que pode ter acontecido. O professor mediador lerá a carta da vovó, na qual pede à neta que a visite, porque a avó está muito preocupada com o silêncio e a tristeza da menina.

Debate – O professor mediador propõe um debate entre os detetives sobre o que pode ter acontecido com Chapeuzinho, após saberem das informações contidas na carta. Terminado o debate, com ajuda do professor mediador, os alunos escreverão uma carta ou farão um vídeo para se comunicarem com a fada.

Episódio 4 – “Amigos bons e amigos maus”

Duração: 2 horas-aula.

Descrição: Desenvolver com as crianças a ideia de que elas podem ter amigos adultos, porém, sempre com atenção para reconhecerem comportamentos e carinhos ‘estranhos’ e que devem resistir.

Recursos do drama: Professor personagem.

Recursos materiais: figurino.

Ação:

Professor personagem: Fada, Lobo Mau e Chapeuzinho – O professor mediador se apresentará como a personagem Fada a fim de ajudar na investigação, por meio de seu poder de mostrar o passado. Com o poder da Fada, a cena que mostra Chapeuzinho indo visitar a sua avó e no caminho encontrando seu amigo lobo é apresentada às crianças.

Cena – Chapeuzinho se encontra com o Lobo Mau e conta que está indo visitar a sua avó sem ter avisado a mãe. O Lobo começa a pedir que Chapeuzinho ‘visite’ a casa dele e faz carinhos ‘estranhos’, em seguida, pede para Chapeuzinho guardar segredo sobre o pedido, o carinho e a amizade dos dois, deixando-a desconfortável e confusa.

Episódio 5 – “Meu corpinho, minha privacidade!”

Duração: 2 horas-aula.

Descrição: A partir de ilustrações e de conversas sobre o corpo, aborda-se o sentido de privacidade e de prevenção com as crianças.

Recursos do drama: Professor personagem.

Recursos materiais: Folha, lápis de cor, giz de cera, imagens.

Ação:

Atividade - Os alunos receberão um desenho do corpo de uma criança onde deverão pintar as partes íntimas.

Momento de partilha – Diálogo do professor mediador com os alunos sobre a privacidade de seus corpos, levando em conta o que sabem e complementando o que for necessário.

Jogo – A partir de imagens que mostram toques amigáveis e toques “estranhos” ou não usuais, que ferem a privacidade da criança, perguntar se o toque é permitido ou não.

Episódio 6 – “A astúcia do Lobo Mau”

Duração: 2 horas-aula.

Descrição: Vivenciar o ato de resistir através da autonomia das crianças para decidirem as melhores saídas para determinadas situações referentes ao abuso.

Recursos do drama: Professor personagem.

Recursos materiais: Capuzes coloridos.

Ação:

Vivência de personagem – As crianças recebem um capuz similar ao de Chapeuzinho da cor que elas escolheram no primeiro episódio. Esse recurso é aplicado para gerar identificação, facilitando que se coloquem no lugar da personagem.

Improvisação – Os alunos, a partir do Episódio 5, escolherão o que Chapeuzinho deve fazer de acordo com a situação apresentada.

Plano A: As crianças darão sugestões sobre como agir e os atores as reencenarão.

Plano B: As crianças serão convidadas a entrarem na improvisação e dar um novo desfecho para a mesma.

Ao final, as crianças votam e decidem em conjunto a melhor atitude para

Chapeuzinho e qual a punição para o Lobo por querer ‘fazer mal’ à menina.

Intervenção do professor mediador para a conscientização e a importância dos atos de reconhecer, resistir e relatar um abuso ou qualquer atitude que possa prejudicar uma criança.

Episódio 7 – “Felizes para sempre”

Duração: 2 horas-aula.

Descrição: Encerramento do *process drama* com confraternização e desfecho da história.

Recursos do drama: Professor personagem.

Recursos materiais: Cesta de piquenique, cartaz.

Ação:

Professor personagem/vivência de personagem - Assim que os chapeuzinhos de todas as cores chegam à sala, eles se encontram com Chapeuzinho Vermelho, sua mãe e a vovó. Elas agradecem a ajuda e mostram um cartaz fixado na parede da sala, com a foto do Lobo Mau que foi preso. Como agradecimento, todos comemoram com o que tinha na cesta da Chapeuzinho.

No encerramento do episódio e do processo, é feita uma confraternização com lanche especial para as crianças.

503 ■

Propomos aqui, para encerrar este texto, a reflexão de que o teatro na escola, para além de montar cenas e/ou espetáculos teatrais, pode ser uma ferramenta artística e pedagógica, capaz de ajudar na construção do aprendizado e no conhecimento de si mesmo. Como dito acima, na pedagogia da escuta a criança deve ser protagonista do próprio aprendizado e os adultos têm a função de escutá-la para, assim, reconhecerem suas múltiplas potencialidades. Quando entendemos que cada criança é única e tem um processo de desenvolvimento e aprendizagem próprios, podemos de fato ser mediadores dessa construção de saberes.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

BONETE SIQUINEL, Cláudia. **Chapeuzinho cor de rosa e a astúcia do lobo mau**. Campo Grande,MS: Biblio Editora, 2010.

CONTIERO, Lucinéia; SANTO, Fernando de Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de S. (Orgs.). **Pedagogia do teatro: prática, teoria e trajetórias de formação docente**. Natal, RN: EDUFRRN, 2018.

DESGRANGES, Flávia. Processo de criação teatral e processos de aprendizagem: interfaces possíveis. In. CONTIERO, Lucinéia; SANTO, Fernando de Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de S. (Orgs.). **Pedagogia do teatro: prática, teoria e trajetórias de formação docente**. Natal, RN: EDUFRRN, 2018. p. 22-38.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

HARTMANN, Luciana. Crianças contadoras de histórias: narrativa e performance em aulas de teatro. **VIS** - Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da UnB, Brasília, v. 13, n. 2, p. 230-248, jul./dez. 2014.

HERDY, Thiago. Estatística: três crianças ou adolescentes são abusadas sexualmente no Brasil a cada hora. **O Globo**. Sociedade. 02/03/2020. Disponível em:
<http://crianca.mppr.mp.br/2020/03/231/ESTATISTICAS-Tres-criancas-ou-adolescentes-sao-abusadas-sexualmente-no-Brasil-a-cada-hora.html> Acesso em: 19/07/2021.

JANIASKI, Flávia. **Colocando um Novo Ponto em Cada Conto**: Possibilidades de inserção do teatro na Educação Infantil. Jundiaí/SP: Paco, 2020.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 59-104.

MALAGUZZI, Loris. **La educación infantil en Reggio Emilia**. Barcelona: Octaedro: Rosa Sensat, 2011.

MALAGUZZI, Loris. **Your image of the child**: where teaching begins. Disponível em:
<https://www.reggioalliance.org/downloads/malaguzzi:ccie:1994.pdf>. Acesso em: 18 out. 2018.
Comentários traduzidos e adaptados de um seminário apresentado por Loris Malaguzzi em Reggio Emilia, Itália, jun. 1993.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MARA, Taiza; MORAES, Rauen (Orgs.). **Contações de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc SP, 2015.

MEYER, Caroline Arcari. **O que é privacidade?** uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças. 2017. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, 2017.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R. de; SARMENTO, M. J. (org.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004. Disponível em: http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf. Acesso em: 4 out. 2018.

SOMA, Sheila Maria P.; WILLIAMS, Lúcia C. A. Livro infantil especializado como estratégia de prevenção do abuso sexual. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 21, n. 1, p. 186-203, jan./abr. 2019.

VYGOTSKY, Lev. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ouvrouver ■ Uberlândia v. 17 n. 2 p. 490-505 jul. | dez. 2021

Recebido em 05/08/2021 - Aprovado em 07/10/2021

Como Citar

Cordeiro, C. E. S.; Oliveira e Silva, D. V. de; Janiaski, F. (2021). Performatividade na infância entre desafios sociais: contação de histórias para além do contar. *OuvirOUver*, 17(2), 490-505. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-62723>



A revista *ouvirOUver* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.